

SIGNIFICADO PESSOAL DA DOCÊNCIA

*Ilma Mendes de Almeida**

Para alcançar seu propósito, a ação docente deve ser norteada tanto pelas intenções individuais quanto pelas necessidades concebidas na coletividade, e “o trabalho pode ser conceituado como um processo de produção material em um determinado contexto social, [...] pode[ndo] ser tanto fonte de prazer como de sofrimento, além de produzir conhecimento e desenvolver uma linguagem com sentidos e significados¹”. Por isso, o trabalho docente para ter sentido deve ter a possibilidade de fortalecimento, de empoderamento do outro e de si mesmo. E,

A significação é o reflexo da realidade independentemente da relação individual ou pessoal do homem a esta. O homem encontra um sistema de significações pronto, elaborado historicamente, e apropria-se dele tal como se apropria de um instrumento, esse precursor material da significação. O facto propriamente psicológico, o facto da minha vida, é que eu me aproprie ou não, que eu assimile ou não uma dada significação, em que grau eu a assimilo e também o que ela torna para mim, para a minha personalidade; este último elemento depende do sentido subjectivo e pessoal que esta significação tenha para mim².

Um modo de o trabalho fazer sentido na história de vida dos docentes é que na docência há a possibilidade de expressão de nós mesmos em função dos estudantes, pois cada um é importante na construção do mundo que aí está. A profissão docente é uma profissão de relações e, na relação com o outro, constrói-se a identidade profissional docente que, conseqüentemente, tem significados pessoais, pois está fundamentada “em seus valores, em seu modo de situar-se no mundo, em sua história de vida, em suas representações, em seus saberes, em suas angústias e anseios, no sentido que tem em sua vida o ser professor³”.

É o significado que a profissão docente tem para cada um que o fez escolher a docência universitária como profissão. E “se o professor perde o significado do trabalho tanto para si próprio como para a sociedade ele perde a identidade com a sua profissão. O mal-estar, a frustração, a baixa autoestima são algumas conseqüências que podem resultar dessa perda de identidade profissional⁴”. Nessa perspectiva, o trabalho docente deixa de ser prazeroso, de fazer sentido e ter significado para os sujeitos. A ação docente, então,

É uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem não só aos outros, mas ao próprio processo que ela implica. É impossível ensinar sem que essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma

* Mestrado Profissional em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória – Espírito Santo. E-mail: ilmamdealmeida52@gmail.com.

¹ JUNQUEIRA, Álvaro Gustavo Wagner; FRANZ, Susana Maria. 2012, p. 51.

² LEONTIEV, Alexis. *O Desenvolvimento do Psiquismo*. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978, p. 96.

³ PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 77.

⁴ LIBÂNEO, José Carlos. O professor e a construção da sua identidade profissional. In: LIBÂNEO, José Carlos. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. Goiânia: Alternativa, 2001, p. 65.

desistência. É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar.⁵

Exercer a docência de maneira responsável e prazerosa pressupõe identificação, ter claro o sentido e o significado da mesma, tanto em nível pessoal ou social, pois se exige do docente seriedade, conhecimentos específicos da área de atuação, conhecimentos pedagógicos e experiências, além de preparo físico e emocional. E mais, é preciso considerar a dimensão espiritual do profissional docente, sendo que “a espiritualidade é um movimento incessante dirigido para fora e além de si mesmo. Esta construção está no reconhecimento das circunstâncias que rodeiam o indivíduo e na modificação contínua do ser humano ante a si próprio⁶”.

Em sintonia com o pensamento anterior, Edgar Morin, refletindo sobre a proposta de uma nova educação, tendo em vista o desenvolvimento integral do ser humano, considera que é importante a mudança no modo de pensar das pessoas envolvidas com a educação, transformando assim a docência, pois, segundo ele,

O caráter profissional do ensino leva a reduzir o professor ao especialista. O ensino deve voltar a ser não apenas uma função, uma especialização, uma profissão, mas também uma tarefa de saúde pública: uma missão. Uma missão de transmissão. A transmissão exige, evidentemente, competência, mas também requer, além de uma técnica, uma arte. Exige algo que não é mencionado em nenhum manual, mas que Platão já havia acusado como condição indispensável a todo ensino: o eros, que é, a um só tempo, desejo, prazer e amor; desejo e prazer de transmitir, amor pelo conhecimento e amor pelos alunos. O eros permite dominar a fruição ligada ao poder, em benefício da fruição ligada à doação. É isso que, antes de tudo mais, pode despertar o desejo, o prazer e o amor no aluno e no estudante. Onde não há amor, só há problemas de carreira e de dinheiro para o professor; e de tédio, para os alunos.⁷

Assim, é preciso compreender que a espiritualidade transversa à docência e oportuniza ponderar a respeito do lugar do ser humano no mundo, influenciando fortemente o modo como uma pessoa pensa e se relaciona consigo mesma e com o outro, pois “quando a espiritualidade é levada a sério ela pode inspirar os indivíduos a refletir a respeito do significado do seu trabalho, daqueles a quem irá tocar e a necessidade de realizá-lo bem⁸”.

Numa perspectiva progressista⁹, o ser docente é uma escolha que se origina a partir de uma trajetória de vida, com suas vivências, percepções, compreensões, em suma, de uma visão de mundo. A exigência nas ações docentes na ótica da corrente progressista de educação é que o docente contribua para a formação de educandos autônomos, conscientes e críticos, tendo coerência entre o seu discurso e a sua prática a partir da escolha feita.

Muitas vezes, “o educador diz de si mesmo que é um progressista, discursa progressivamente e tem uma prática retrógrada, autoritária, na qual trata os educandos como puros pacientes de sua sabedoria¹⁰”. Se assim o for, a perspectiva é tradicional e por isso a prática docente torna-se mera transmissão de conteúdos sem significados e sentidos com a vida e com a profissão escolhida, nesse caso, a docência, ainda que o educador se intitule como progressista. E segundo Röhr, uma concepção integral do ser humano e do contexto onde o mesmo se encontra, certamente abrange a sua espiritualidade, e “como não existe uma só visão de mundo, religião ou ideologia,

⁵ FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'água, 2003, p. 9-10.

⁶ MOSQUERA, Juan José Mouriño. *O professor como pessoa*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1978, p. 47.

⁷ MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*. Repensar a reforma reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 101-102.

⁸ GARDNER, H. et al. *Responsabilidade no trabalho: como agem (ou não) os profissionais responsáveis*. Porto Alegre: Bookman, 2008, p. 163.

⁹ LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública- a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. São Paulo: edições Loyola, 1990, p. 32.

¹⁰ FREIRE, Paulo. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 54-55.

continuamos diante do dilema da escolha¹¹”, pois “o envolvimento espiritual não garante que a pessoa faça um bom trabalho [...] mas a espiritualidade pode ajudar as pessoas a assumir responsabilidades por suas ações e por seu trabalho¹²”.

Falar sobre trabalho docente e realização pessoal requer compreender que o trabalho “sempre foi e continua sendo uma das temáticas de maior relevância, principalmente pela centralidade que ocupa na vida do indivíduo em sociedade¹³”. Para além disso, o trabalho é construído historicamente pelos sujeitos e suas subjetividades tanto individuais quanto coletivas.

Aprender a ser docente requer a compreensão da importância de duas dimensões do processo de socialização que constituem a identidade: a dimensão pessoal e a dimensão profissional. A primeira, “voltada para o mundo pessoal, decorre do fato de que os docentes são capazes de se perceberem como uma unidade em que a pessoa e o profissional determinam o modo de ser professor¹⁴”. A segunda está “relacionada à experiência profissional, envolve a apropriação de atividades específicas, a partir de um repertório de conhecimentos, saberes e fazeres voltados para o exercício da docência, advindos da área específica de atuação, da área pedagógica e da área de experiência docente¹⁵”. Nas duas dimensões, há o entendimento de que os docentes não são “seres abstratos ou essencialmente intelectuais; são pessoas que se encontram imersas em uma vida grupal na qual partilham uma cultura, derivando seus conhecimentos, valores e atitudes dessas relações¹⁶”. São pessoas com suas vivências sociais (objetivas) e suas vivências pessoais (subjetivas).

O docente é pessoa antes de ser profissional e precisa apropriar-se de sua identidade subjetiva e objetiva, reconhecendo-se como sujeito. Além disso, é um sujeito que, pelo trabalho, realiza-se como ser humano que é dotado de afetividade, de sensibilidade, de angústias e medos, pois o que “que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentidos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser ‘educado’, vai gerando a coragem¹⁷”.

Há que se considerar que muitas pessoas iniciam o exercício da docência sem a preparação adequada e necessária ou mesmo insatisfatória, favorecendo o rótulo de que qualquer pessoa pode ser docente. Essa concepção “traz implícito o significado de desqualificação¹⁸”, gerando desprazer e ausência de sentido para quem exerce a profissão docente e o “educador realizado pessoal e profissionalmente é aquele que tem a realização como consequência de uma atitude que consegue atribuir sentido às suas escolhas tendo como base suas crenças, ideais e valores¹⁹”. Nessa perspectiva, realização e sentidos são produção da própria pessoa, que é responsável por suas escolhas e tomada de decisão em relação ao pessoal e ao profissional.

Pressupõe-se a partir dessa análise que o que tem sentido pessoal também gera realização pessoal, e ser docente significa “viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade²⁰”. E “os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas²¹”. Se a docência oportuniza a realização da

¹¹ Röhr, Ferdinand. *Educação e espiritualidade: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação*. Campinas. Mercado de Letras, 2013, p. 39.

¹² GARDNER, 2008, p. 164.

¹³ ARANTES, Isabel Cristina da Silva. *Concepções simbólico-discursivas do trabalho docente universitário na contemporaneidade*. Tese (doutorado). Universidade Federal de Lavras, 2015, p. 39.

¹⁴ BOLZAN, D. P. V.; ISAIA, S. M. A.; MACIEL, A. M. R. Formação de professores: a construção da docência e da atividade pedagógica na Educação Superior. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 13, n. 38, 2013, p. 57.

¹⁵ BOLZAN, D. P. V.; ISAIA, S. M. A.; MACIEL, A. M. R. 2013, p. 58.

¹⁶ GATTI, Bernadete Angelina. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Plano Editora, 2003, p. 197.

¹⁷ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 50.

¹⁸ NASCIMENTO, Ivany Pinto Nascimento. Por que permanecer na docência? Representações sociais de professores. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20565_11602.pdf, p.7.

¹⁹ FOSSATTI, PAULO. *A produção de sentido na vida de educadores: por uma logoformação*. Tese (Doutorado). 2009. Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009, p. 20.

²⁰ GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Feevale, 2003, p. 3.

²¹ GADOTTI, 2003, p. 3.

pessoa é porque tem significado pessoal e faz sentido; e “sentido quer dizer caminho não percorrido, mas que se deseja percorrer, portanto, significa projeto, sonho, utopia. Aprender e ensinar com sentido é aprender e ensinar com um sonho na mente²²”, mesmo no contexto brasileiro atual, onde o que se tem é uma desvalorização da profissão docente, talvez seja contraditório falar de sentido, significado e realização pessoal para quem exerce essa profissão em um país em que os salários são baixos e o reconhecimento é questionável.

Soma-se a essa desvalorização uma afirmação que demonstra grande depreciação pelo docente: “Quem sabe faz, quem não sabe ensina²³” e, no contexto brasileiro, essa frase se aplica, uma vez que a educação bancária²⁴ ainda prevalece sobre a educação problematizadora, dialógica e libertadora²⁵. Mas, ainda assim, essa é uma fala perniciosa e de desconhecimento da profundidade da ação docente que tem causado um “mal-estar” entre os docentes.

O mal-estar docente é um fenômeno dos nossos dias, quer pelo aumento brusco da percentagem de professores com sintomas de mal-estar nos últimos anos quer pelo facto (sic) de no passado os professores não apresentarem índices mais elevados de insatisfação, stress ou exaustão do que outros profissionais. Assim, o mal-estar docente é um fenômeno da sociedade actual (sic), estando interligado com as mudanças sociais que ocorreram nas últimas décadas, com implicações no comportamento dos alunos na escola.²⁶

Porém, mesmo em meio a uma crise de identidade e sentido, de mal-estar, decepções, descrenças, adoecimentos, “existe ainda muita esperança. A esperança ainda alimenta essa difícil profissão²⁷”, porque o significado pessoal que a docência tem está atrelado ao sentido que a mesma tem para quem fez dessa a sua escolha profissional. O docente realiza um movimento de significação e ressignificação da sua prática, o que é uma exigência da vertente progressista, pois prega uma educação emancipadora em que a docência “não é uma profissão meramente técnica. A competência do professor não se mede pela sua capacidade de ensinar – muito menos “lecionar” – mas pelas possibilidades que constrói para que as pessoas possam aprender, conviver e viverem melhor²⁸”. A realização pessoal passa também pela promessa de promoção da autonomia das pessoas com as quais convivemos.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Isabel Cristina da Silva. *Concepções simbólico-discursivas do trabalho docente universitário na contemporaneidade*. Tese (doutorado). Universidade Federal de Lavras, 2015.

BOLZAN, D. P. V.; ISAIA, S. M. A.; MACIEL, A. M. R. 2013.

BOLZAN, D. P. V.; ISAIA, S. M. A.; MACIEL, A. M. R. Formação de professores: a construção da docência e da atividade pedagógica na Educação Superior. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 13, n. 38, 2013.

FOSSATTI, PAULO. *A produção de sentido na vida de educadores: por uma logoformação*. Tese (Doutorado). 2009. Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

²² GADOTTI, 2003, p. 11.

²³ TONTINI, Gérson. *Quem sabe faz. Quem não sabe, ensina? O papel de diferentes atores em nossa peça não teatral*. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013>>, p. 2.

²⁴ FREIRE, Paulo 1996, p. 57.

²⁵ FREIRE, Paulo 1996, p. 59.

²⁶ JESUS, S. N. de. *Perspectivas para o bem-estar docente: Uma lição de síntese*. Lisboa: Centro de Recursos de Informação e Apoio Pedagógico, 2002, p. 15.

²⁷ GADOTTI, 2003, p. 14.

²⁸ GADOTTI, 2003, p. 27.

- _____. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'água, 2003.
- GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.
- GARDNER, H. et al. *Responsabilidade no trabalho: como agem (ou não) os profissionais responsáveis*. Porto Alegre: Bookman, 2008.
- GATTI, Bernadete Angelina. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Plano Editora, 2003.
- JESUS, S. N. de. *Perspectivas para o bem-estar docente: Uma lição de síntese*. Lisboa: Centro de Recursos de Informação e Apoio Pedagógico, 2002.
- JUNQUEIRA, Álvaro Gustavo Wagner; FRANZ, Susana Maria. 2012.
- LEONTIEV, Alexis. *O Desenvolvimento do Psiquismo*. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública- a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. São Paulo: edições Loyola, 1990.
- LIBÂNEO, José Carlos. O professor e a construção da sua identidade profissional. In:
- LIBÂNEO, José Carlos. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. Goiânia: Alternativa, 2001.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita. Repensar a reforma reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- MOSQUERA, Juan José Mouriño. *O professor como pessoa*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1978.
- NASCIMENTO, Ivany Pinto Nascimento. Por que permanecer na docência?
Representações sociais de professores. Disponível em:
http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20565_11602.pdf
- PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez, 2002.
- RÖHR, Ferdinand. *Educação e espiritualidade: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação*. Campinas. Mercado de Letras, 2013.
- TONTINI, Gérson. *Quem sabe faz. Quem não sabe, ensina?* O papel de diferentes atores em nossa peça não teatral. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013>.